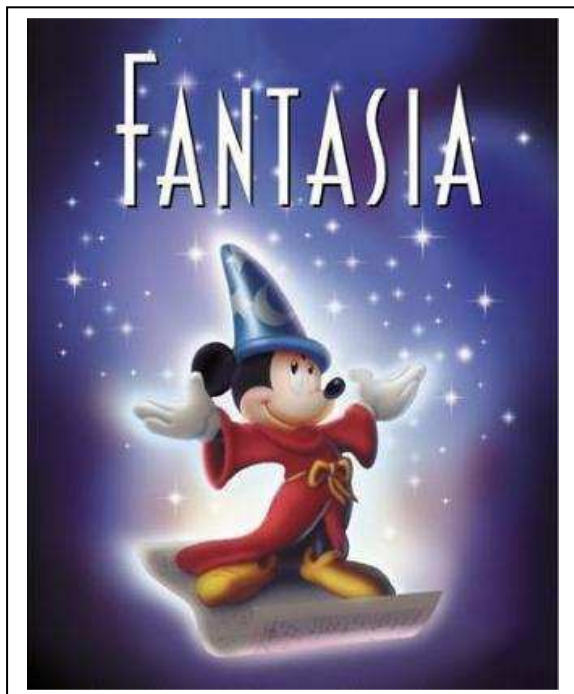


O ENGODO DOS SERMÕES ALEGÓRICOS¹



*“Eles iam lendo o Livro da Lei e **traduzindo**; e **davam explicações** para que o povo entendesse o que era lido. Quando ouviram a leitura da Lei, eles ficaram tão comovidos, que começaram a chorar.”* (Neemias 8.8-9 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

Todo sermão tem um centro de gravidade. Qualquer que seja o objetivo do sermão – explicar, provar ou aplicar algo – o pregador precisa de uma base para a sua argumentação. A base da pregação expositiva é a Palavra de Deus. É essa a ênfase que torna o sermão verdadeiramente bíblico. Por isso que, para realizar a árdua tarefa de pregar a Palavra de Deus, homens e mulheres no ministério precisam se comprometer com certas verdades. Uma delas é a de que o estudante da Bíblia precisa tentar chegar à intenção do autor bíblico. Ele

precisa ler o texto bíblico contextualmente e se perguntar: *“O que o autor bíblico queria dizer aos seus leitores originais? Por quê? As ideias que constituem o sermão se originam do texto, ou se baseiam em interpretações pessoais e/ou usuais?”*. Esse tipo de questionamento é de extrema importância porque **um texto bíblico não pode significar o que ele nunca significou**. A pregação expositiva não se baseia em uma ideia original. Antes, é fundamentada na exegese gramatical, histórica, literária e se esforça para dizer ao público de hoje o que o autor original do texto bíblico teria dito a esses mesmos ouvintes. Em resumo, o sermão expositivo se preocupa em responder uma pergunta tríplice em relação a determinado texto bíblico: o que ele significava para os ouvintes/leitores primários, o que ele significa para os ouvintes/leitores contemporâneos e como ele se aplica nos dias atuais, em ambientes histórico, geográfico e cultural, totalmente diferentes.

A Bíblia dever ser lida de acordo com a gramática e o repertório de palavras existentes na época. Não é suficiente sabermos o que palavras como carne, aliança, juiz, talento, escravo ou justificação significam hoje; nós devemos saber o que elas significavam na época em que foram escritas. Além disso, devemos ler o texto bíblico em seu contexto literário e cultural.

¹ **Alegoria.** Método de interpretação das Sagradas Escrituras utilizada por teólogos cristãos antigos e medievais, em que se almejava a descoberta de significações morais, doutrinárias, normativas etc., ocultas sob o texto literal; sequência logicamente ordenada de metáforas que exprimem ideias diferentes das enunciadas, ou seja, significa dizer outra coisa além do sentido literal das palavras (Dicionário Houaiss). **Alegoria é uma história em que cada elemento significa algo bem diferente da própria história.**

A elaboração de um sermão exige estudo minucioso da Palavra, hermenêutica rigorosa, uso das línguas originais, percepção do contexto histórico e atenção à teologia bíblica. Mas nem todos os pregadores fazem dessas verdades a filosofia de vida. Atualmente são poucos os pregadores que se esforçam, até o limite de suas forças, para esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e Seu povo Lhe obedeça.

Quem determina a mensagem são as Escrituras, e não o pregador. Somos estudantes à procura do significado do texto, e não em busca de um texto que comprove nossos próprios argumentos. O doutor em Divindade, Richard Julius Sturz (1924–2009), costumava ensinar que, ainda que haja a necessidade de um envolvimento pessoal do pregador com o texto bíblico, sob a direção do Espírito Santo, há também a necessidade dele estar sempre ciente das armadilhas do subjetivismo. Daí a importância de encontrar o que o texto realmente disse e diz, permitindo que as Escrituras falem para nossa situação presente. A experiência pessoal do pregador deve existir, mas de forma contida, a fim de que a sua pregação seja mais do que um reflexo das pressuposições culturais da época. Somente a pregadores verdadeiramente bíblicos são capazes de afirmar: “É isso que Deus diz”. A mensagem fielmente bíblica concorda com o texto em conteúdo, estrutura, tom e propósito. A intenção do Espírito Santo para os ouvintes originais ainda se aplica aos ouvintes hoje. **O propósito exegético e o propósito homilético devem, portanto, ser iguais.**

Todo pregador precisa se certificar de que, aquilo que ele prega, é indiscutivelmente as palavras e os pensamentos de Deus, e não apenas algo que queira dizer. O trabalho árduo de exegese, ou seja, de entender o significado do texto em seu contexto histórico, gramatical e cultural, é indispensável para pregar com convicção. Se não for assim, muitos textos bíblicos conterão excelentes ideias para elaboração de sermões que, futuramente, serão aniquilados no campo de batalha de exegese. O renomado professor de homilética, Haddon W. Robinson, tem o hábito de ensinar que *“os sermões devem ser tão arraigados nas Escrituras a ponto de, no caso de alguém discordar, o pregador poder dizer à pessoa que a divergência dela é com as Escrituras, e não com quem pregou o sermão”*.

Infelizmente, muitos sermões expostos nos púlpitos das igrejas evangélicas ultimamente são sermões alegóricos, recheados por fantasias – muitas delas transloucadas – criadas pelo seu expositor e distantes do verdadeiro princípio do Evangelho de Cristo. São invencionices oriundas de uma mente humana que, na maioria das vezes, está descompromissada com a veracidade da Palavra de Deus. Na melhor das hipóteses, servem apenas como discursos capazes de persuadir ou entreter. A cada dia presenciamos a disseminação dos mais variados absurdos bíblicos e teológicos, como se fossem da parte de Deus. Tais sermões não produzem nada de útil na vida de pessoas que tomam essas heresias como verdade cristalina.

Como exemplo de mensagem alegórica bastante comum nas igrejas, podemos citar o episódio que narra a batalha entre Davi e o gigante Golias (cf. 1Samuel 17.1-54). A narrativa cita que o jovem

pastor de ovelhas apanha cinco pedras lisas em um riacho (cf. 1Samuel 17.40). Com uma dessas pedras, Davi derrota o temido gigante (cf. 1Samuel 17.49-50). Pronto! Essas informações já são suficientes para que pregadores alegóricos atribuam significados simbólicos, místicos e espirituais para as “cinco pedrinhas de Davi”. A partir daí prega-se, então, a necessidade de possuímos a “pedra” da coragem, a “pedra” da fé, da santidade, da determinação, da ousadia etc. Mas se atentarmos apenas para a pureza e simplicidade do texto bíblico, nós perceberemos que aquelas pedras nada mais eram do que armas nas mãos de Davi. Ele portava uma funda e estava municiado de cinco pedras. Mas, em vez disso, ele poderia se armar com facas, lanças ou até mesmo arco e flecha. Em todos os casos, esses objetos não passariam de ferramentas para serem utilizadas na batalha contra o gigante filisteu.

Outro exemplo de mensagem alegórica bastante comum nas igrejas, é extraído do episódio que narra a ressurreição de Lázaro, amigo íntimo de Jesus (cf. João 11). Quando o Senhor Jesus chega ao local onde estava sepultado seu amigo – uma caverna com enorme pedra redondo obstruindo a entrada – Ele ordena: *“Tirai a pedra!”* (cf. João 11.39a). Pronto! Novamente uma pedra se torna objeto de alegorização. Diante disso os pregadores passam a clamar: *“Para ressuscitar seus sonhos e projetos, você também precisa tirar as ‘pedras’ da sua vida! Tire a pedra do medo, a pedra da dúvida, da incredulidade, da murmuração etc. Tire tudo aquilo que está impedindo a sua vitória!”*. Mais uma vez, quando analisamos o texto bíblico, percebemos que aquela pedra era simplesmente a barreira que impediria que o túmulo de Lázaro fosse violado por estranhos ou até mesmo por animais. A pedra descrita na narrativa não era a representação de uma porta de acesso, mas era apenas um “lacre” – por isso precisou ser removida. Não havia nenhum significado simbólico ou espiritual naquele ato.

A simples análise contextual da passagem bíblica é suficiente para deixar claro que o ato de remover a pedra não possuía “poderes mágicos”. Para Marta, Maria e os demais presentes naquela ocasião, a pedra que selava o túmulo de Lázaro não representava o medo, a dúvida, a insegurança e demais sentimentos. Remoção de pedras não ressuscita a vida de ninguém; no máximo permite a saída de quem está vivo. A remoção da pedra por parte das pessoas não foi um fator determinante para a ressurreição de Lázaro, visto que poderia haver o mesmo fenômeno ocorrido no momento da morte do Senhor Jesus quando *“a terra tremeu, as rochas se partiram, os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos que haviam morrido foram ressuscitados”* (cf. Mateus 27.51-52), e saíram das sepulturas sem o auxílio de pessoas que tirassem as pedras que selavam os respectivos túmulos.

Certa vez, o grande pregador inglês Charles Haddon Spurgeon afirmou que *“hoje em dia, ouvimos homens arrancarem uma única frase das Escrituras, separando-a do seu contexto, e gritarem ‘Eureca! Eureca!’ , como se tivessem descoberto uma verdade nova; e, no entanto, não descobriram um diamante, e sim, um caco de vidro.”*. A razão para tal displicência e falta de zelo diante do texto sagrado, está no fato de que muitos pregadores ignoram totalmente o abismo cultural existente entre dois mundos: o mundo antigo em que Deus falou Sua Palavra e o mundo moderno em que nós a

ouvimos. Quando lemos a Bíblia, retrocedemos dois milênios além da revolução do microprocessador, além da revolução eletrônica, além da revolução industrial, retrocedemos e voltamos a um mundo que há muito tempo deixou de existir. Por isso a primeira obrigação do(a) pregador(a) é a fidelidade ao texto bíblico. Precisamos aceitar a disciplina de nos colocar dentro da situação dos autores bíblicos – sua história, geografia, cultura e linguagem. Se negarmos essa tarefa ou se a realizarmos de modo relaxado ou indiferente, isso será indesculpável.

Toda palavra que o pregador disser do púlpito precisa estar sob a autoridade funcional das Escrituras. Ela precisa ser fiel ao significado, as ênfases e ao propósito das Escrituras. Foi dentro desse contexto que o apóstolo Paulo alertou os crentes de Corinto a não irem “*além do que está escrito*” (cf. 1Coríntios 4.6).

A Palavra de Deus é designada para funcionar como a autoridade controladora, isto é, todo sermão precisa ser desenvolvido, consciente e intencionalmente sob a autoridade das Escrituras. Assim, o erro mais grosseiro que podemos cometer é impor nossos pensamentos do século XXI à mente dos autores bíblicos, para manipular o que eles disseram a fim de adaptar isso ao que gostaríamos que eles tivessem dito e, depois, reivindicar a defesa deles as nossas ideias. Por isso devemos seguir a orientação do teólogo francês João Calvino (1509-1564) que escreveu: “*É a primeira tarefa de um intérprete deixar seu autor dizer o que ele diz em vez de lhe atribuir o que nós pensamos que ele deve dizer*”.

O clérigo inglês Charles Simeon (1759-1836) disse: “*Meu empenho é tirar das Escrituras o que está ali e não acreditar no que eu penso que possa estar lá*”. Em outras palavras, um texto significa aquilo que o seu autor quis dizer. Ou, colocando a coisa de modo positivo, **o significado verdadeiro do texto bíblico para nós é o que Deus originalmente pretendeu que significasse quando foi falado/escrito pela primeira vez**. Portanto, o simples fato de o pregador utilizar a Bíblia, não torna o seu sermão bíblico. Precisamos tomar cuidado para não irmos além da linha da verdade, quando adicionamos nossas palavras às Palavras de Deus (cf. Deuteronômio 4.1-2).

Está claro que vivemos em uma sociedade dinâmica, que experimenta transformações quase que diárias em seu modo de agir ou pensar. Por isso é necessário que os sermões sejam ministrados de forma contextualizada, dentro da realidade de vida dos seus ouvintes. Porém, **contextualizar** um texto bíblico é bem diferente de **deformá-lo**, adulterando os princípios da exegese do mesmo.

A mensagem da Palavra de Deus pode ser contextualizada para que supra as necessidades do público que a ouve. Mas os princípios morfológicos dessa Palavra, isto é, o significado original e inerente de quando foi falada/escrita pela primeira vez deve permanecer (cf. Mateus 22.29; 24.25). O pregador não pode ser fiel ao texto bíblico se o separar de seu significado histórico. É preciso primeiro descobrir o significado pretendido pelo autor no contexto original antes de aplicá-lo ao nosso contexto.

A prática de alegorizar a Palavra de Deus, distorcendo o significado original do texto, já existia desde a época do apóstolo Pedro. Ao comentar sobre o teor de algumas epístolas escritas pelo apóstolo Paulo, Pedro faz um alerta aos seus leitores:

*“Considerai como salvação a paciência de nosso Senhor, assim como o nosso amado irmão Paulo também vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi concedida, a exemplo do que faz em todas as suas cartas, falando acerca dessas coisas, nas quais **há pontos difíceis de entender, que os ignorantes e inconstantes distorcem, como fazem também com as demais Escrituras, para sua própria destruição**”* (2Pedro 3.15-16).

No texto bíblico acima, o verbo “distorcer”, do grego στρεβλόω (*streblóō* = “torturar”), expressa a ideia de “corromper a linguagem, dando-lhe um falso sentido”. O vocábulo é aplicado para a falsificação da Palavra (cf. 2Coríntios 4.1-2). Há três maneiras de distorcer, falsificar a Palavra de Deus: a) **omitindo** parte dela e ignorando que a totalidade da Bíblia é a Palavra de Deus e, por isso, sua mensagem deve ser aceita integralmente; b) **acrescentando** ideias pessoais às verdades sagradas, alterando o conteúdo da mensagem original; c) **forçando** o texto a dizer algo que não condiz com o seu contexto e nem com os pensamentos do autor.

A intenção originária do texto determina sua mensagem para os ouvintes hoje. Por isso é lamentável quando pregadores usam as Sagradas Escrituras para propósitos pessoais e não para os objetivos para os quais elas foram dadas, o que faz com que o poder inerente a qualquer trecho usado na pregação se perca. Precisamos voltar a escutar a Palavra de Deus conforme os destinatários originais devem tê-la escutado e descobrir qual era a intenção original das palavras da Bíblia. De outra forma, os textos bíblicos serão forçados a significar tudo quanto o leitor/pregador quiser que signifiquem.

É perigoso quando um pregador aborda um texto bíblico com o objetivo de encontrar analogias entre o público para o qual ele foi escrito e o público para o qual o pregador está se dirigindo. Por vezes, essa abordagem distorce conteúdo do texto além do seu propósito, pois seleciona apenas partes que “servem” aos interesses do pregador ou se utiliza do texto todo indevidamente. Em termos mais claros, pode se definir essa abordagem como a “procura de alguma coisa que sirva para a pregação”!

Dentro do estudo da homilética – a arte da pregação – os sermões alegóricos são conhecidos como “mensagens digressivas²” que fogem ao conteúdo bíblico desviando-se do texto, mas que não podem ser consideradas antibíblicas. No entanto, elas também não são fiéis ao real significado do texto original. A pregação ou ensino digressivo é aquele cujo conteúdo, apesar de não ser contrário às Escrituras, não expõe especificamente aquilo que o texto bíblico afirma de fato. A

² **Digressão.** Ato ou efeito de se afastar, de ir para longe do lugar onde se estava; divagação. Afastamento, desvio momentâneo do assunto sobre o qual se fala ou escreve. Artificio criado para ocultar o motivo real de uma ação; evasiva, pretexto, subterfúgio (Dicionário Houaiss).

pregação digressiva apresenta a tendência de isolar versículos de seu contexto e, em decorrência disso, a interpretação se torna tendenciosa, em favor daquilo que o pregador deseja argumentar.

Algumas mensagens alegóricas pregadas por aí, podem parecer até certo ponto “inofensivas”. Ainda assim, seus efeitos no coração dos ouvintes podem ser devastadores a médio ou longo prazo, podendo causar confusão, desvio doutrinário, apostasia e relativização das verdades sagradas. De forma geral, esse tipo de uso indevido do texto tem pelo menos três consequências: a) desmerece o texto propriamente dito; b) dá a impressão de que a alegoria tem a mesma autoridade que o texto bíblico; e, c) leva o ouvinte a pensar que, uma vez que nunca será capaz de encontrar verdades tão extraordinárias no texto bíblico, não vale a pena estudar a Bíblia sozinho. A reação a tais mensagens costuma ser: “*Que sermão maravilhoso! Eu nunca consegui ver isso no texto*”. Na verdade, o sermão não foi maravilhoso, e a razão de não conseguir ver é porque a alegoria em questão, não estava no texto.

Sendo assim, devemos ficar profundamente preocupados sempre que alguém diz que tem um significado mais profundo de determinado texto bíblico – especialmente se o texto nunca significou aquilo que agora é forçado a significar. Princípios infundados podem oferecer promessas falsas quando são usados fora dos limites do texto bíblico. De tais coisas nascem as seitas, bem como inúmeras heresias menores.

Segundo o teólogo e escritor cristão estadunidense Charles Caldwell Ryrie, “*nenhuma mensagem deve ser antibíblica. Nenhuma mensagem deve ser alegórica, digressiva. As mensagens sobre a Bíblia devem ser não apenas bíblicas mas também expositivas. Isso exige que o mensageiro seja um artífice hábil e cuidadoso para expressar com exatidão o significado das Escrituras e fazê-lo de modo a honrar a Deus e sua Palavra. Aquilo que a Bíblia diz é a parte mais importante de qualquer mensagem; assim, deixe que ela fale com precisão, clareza e poder*”.

Portanto, como bem ensinou o pastor norte-americano Raymond Charles Stedman (1917-1992), ao contrário do sermão alegórico, o sermão verdadeiramente bíblico “*é aquele extrai seu conteúdo diretamente das Escrituras, procura descobrir o significado pretendido por Deus, observar seu efeito sobre aqueles que receberam inicialmente e aplica-lo àqueles que buscam sua direção no presente. Consiste em compreensão mais profunda dos pensamentos de Deus, apresentada de forma eficaz na direta aplicação pessoal aos problemas e necessidades contemporâneos. Não é uma apresentação árida de verdades bíblicas acadêmicas, mas sim uma vigorosa e cativante análise da realidade, que flui da mente de Cristo, por meio do Espírito e do pregador, para a vida e as circunstâncias diárias das pessoas de nosso tempo.*”.

Bibliografia utilizada:

- FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lê(s)?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 1984. 334 p.
- KOESSELER, John. *Manual de pregação*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 411 p.
- OSBORNE, Grant R.. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 468, 582 p.
- ROBINSON, Haddon & LARSON, Craig B.. *A arte e o ofício da pregação bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. Trad. Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroker. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 887 p.
- RYRIE, Charles C.. *Como pregar doutrinas bíblicas*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. 89 p.
- STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.
- STURZ, Richard Julius. *Teologia sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2012. 815 p.